



Dinâmicas e estratégias interculturais: o exemplo macaense

Isabel Pinto

Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Embora a palavra interculturalidade seja recente, a sua prática não o é. Sabemos através da arqueologia, da história e de outras ciências, que o contacto entre povos com culturas diferentes data de há muitos milénios, pois as provas que têm sido encontradas assim o testemunham. Entre os muitos exemplos, podemos referir que foram descobertos no Egito artefactos de origem Síria datados do 5º milénio a.C.; em Israel, encontraram-se fragmentos de cerâmica com símbolos egípcios datados do 3º milénio a.C.; e existem provas de que 1600 anos a.C., estanho proveniente da atual Grã-Bretanha era comercializado em vários locais do continente Europeu.

Estas e outras descobertas do mesmo âmbito demonstram que esses contactos não seriam apenas ocasionais, estando provavelmente inseridos em redes comerciais que interligavam várias comunidades entre si. É possível também que, em muitos casos, as trocas culturais se associassem a esse intercâmbio comercial. Talvez um dos exemplos que mais bem ilustra essa situação, pela importância que teve na antiguidade seja o conjunto de percursos (alguns dos quais remontam ao 8º milénio a.C.), que ficaram conhecidos por "rota da seda" e que até ao século XIV foram a principal via de comunicação entre o oriente e o ocidente (após o século XIV a rota da seda foi definitivamente substituída pela via marítima).¹

Foi o geógrafo alemão Ferdinand Von Richthofen, que no século XIX explorou esses antigos percursos e os designou por rota da seda, por ser essa a principal e mais valiosa mercadoria que durante séculos por eles foi transacionada.²

Contudo, o papel que essa rota desempenhou foi muito além do âmbito comercial, pois levou ao desenvolvimento de importantes núcleos populacionais, contribuindo para a riqueza e esplendor de civilizações como a Mesopotâmia, o Egito antigo, o império Persa e o império Romano. No século II a.C. durante a dinastia chinesa Han anterior, estabeleceram-se locais de paragem fixos ao longo de grande parte do trajeto da rota da seda, onde homens e animais podiam descansar, reabastecer-se e prosseguir viagem. Esta nova organização tornou possíveis viagens regulares que incluíam centenas de mercadores de origens variadas, com formas de falar muito diversas e diferentes credos



e crenças. A estes juntavam-se diplomatas, embaixadores e exploradores, que procuravam segurança e proteção nas grandes caravanas. Através dos séculos, estes grupos de pessoas diferentes, que se uniam numa longa viagem comum, transformaram a rota da seda num verdadeiro percurso intercultural e multicultural.³

Atualmente a rota da seda continua a surpreender, pelo que revela sobre antigos testemunhos de interculturalidade entre o Oriente e o Ocidente. Um desses exemplos é o conjunto de múmias que têm sido encontradas, principalmente a partir da década de 80 do século XX, na atual província chinesa de Xinjiang, localizada sobre parte do percurso da rota da seda.⁴ Essas múmias, designadas de Tarim Basin, foram descobertas no vale do rio Tarim, remontando algumas delas a 5000 e 4000 anos a.C.. O seu elevado grau de preservação, permitiu constatar que eram pessoas altas, loiras ou ruivas, com feições caucasianas e que na generalidade usavam vestidos de lã, idênticos aos dos antigos povos celtas. Algumas ostentam vestes de brocado, que segundo os especialistas, apresentam padrões idênticos aos que eram usados na mesma época em tecidos Europeus. Uma das múmias mais bem preservada remete-nos para 2000 a.C. e é de um homem com cerca de 2 m de altura que apresenta sobre a face uma máscara onde uma fita de ouro cobre a região frontal. Também no mesmo período eram utilizadas na antiga Grécia máscaras idênticas para cobrir a face de alguns mortos.⁵

Os testemunhos de intercâmbio cultural entre as primeiras civilizações percorrem os vários continentes, como prova a descoberta de uma pequena estatueta em pedra com mais de 2500 anos na cidade de Iguape, a sul de S. Paulo no Brasil. Essa estatueta, conhecida como o ídolo de Iguape, foi, segundo os arqueólogos, esculpida por um povo dos Andes, tendo sido encontrada a muitos km desse local.⁶

Os exemplos apresentados podem levar a concluir que a interculturalidade surge sempre que diversos grupos sociais entram em contacto ou partilham o mesmo espaço. No entanto, a realidade histórica mostra-nos que nem sempre o encontro entre povos diferentes leva a trocas culturais ou a convivência pacífica. Guerras, conquistas e invasões, seguidas tantas vezes de situações de escravatura e de domínio, são variáveis que nas diferentes épocas têm influenciado e definido o espaço social e cultural que cada sociedade ocupa entre as restantes.

Também nestes casos os exemplos surgem e são várias as situações que ilustram esta realidade. Uma delas foi o comércio de escravos realizado através dos navios negreiros, que sobretudo entre os séculos XVII a XIX, transportaram milhões de africanos para as plantações de cana-de-açúcar, tabaco ou cacau da América do Sul e Antilhas.



Talvez a escravatura seja tão antiga como o próprio homem. Quase sempre associada a guerras e conquistas, morrer ou ser feito escravo era geralmente a sorte que cabia aos derrotados.⁷ Porém, o caso da escravatura africana teve causas e contornos diferentes, atingindo um continente inteiro em números nunca antes vistos. Foi a necessidade de mão-de-obra nas plantações que levou os europeus a considerar que a podiam obter a um custo muito reduzido no continente africano. Dessa forma, surgiu o comércio regular de escravos africanos, relevando-se tão lucrativo, que pagava impostos à coroa. O facto de se ter tornado num tráfico em larga escala, levou à construção de portos de embarque apropriados e barcos adaptados a esse transporte. Surgiram assim os navios negreiros, onde os escravos viajavam acorrentados uns aos outros em porões, onde o espaço era exíguo, a alimentação escassa e onde a higiene estava ausente. As condições eram tão penosas que 60% dos cativos morria antes de chegar ao destino. Para os que sobreviviam, o futuro era o trabalho árduo nas plantações.⁸

Este não foi o único caso em que o contacto entre culturas diferentes trouxe sofrimento e dor. Existem outros, alguns mais conhecidos, como o genocídio praticado pelos europeus sobre os índios, após a colonização da América no século XVI,⁹ ou o extermínio dos judeus durante a segunda guerra mundial. Outros foram menos divulgados, como a forma encontrada pelo governo australiano, após a independência daquele país em 1905, para resolver uma questão que perturbava a sociedade australiana de origem europeia: o povo aborígine.

Os aborígenes australianos habitavam aquele continente há milhares de anos e praticavam o nomadismo baseado na caça e na recolção. Desconhecendo a agricultura, tinham como único animal doméstico o cão.¹⁰ Com a chegada dos europeus no século XIX, grandes extensões de terreno passaram a ser cultivadas e muitas vezes vedadas, o que impedia os aborígenes de manter a sua forma de vida tradicional. A sua subsistência passou então a estar dependente dos australianos de origem europeia, que os encaravam como um problema que precisavam de solucionar. Com esse objetivo, a partir de 1910, foram criados na Austrália centros educacionais destinados a albergar crianças aborígenes mestiças (prática que posteriormente foi alargada às restantes), que após serem retiradas à sua família de origem, recebiam nesses locais um novo nome e educação europeia, sendo mais tarde obrigadas a casar com europeus.

Este procedimento, que visava o desaparecimento do povo e da cultura aborígine, prolongou-se até 1960, atingindo milhares de crianças que ficaram conhecidas como a “geração roubada”, pois perderam todos os seus laços familiares e culturais. Apesar de



se terem passado várias décadas, o “mal-estar” gerado por esta situação levou a que em 2008, o primeiro-ministro australiano lamentasse publicamente o sucedido através dos meios de comunicação social.¹¹

É possível que, sob o ponto de vista atual, as situações mencionadas sejam consideradas cruéis. Porém, é necessário ter em conta que elas refletem os valores e formas de pensar do tempo em que ocorreram. Sabemos que, à semelhança do que sucede hoje, também nessa altura existiram minorias discordantes e pessoas que lutaram por uma situação diferente. Porém, não é fácil desafiar as ideias da maioria, pois em qualquer época, quem o faz é normalmente alvo de censura e até de condenação. A comprová-lo, é referido num texto do século XV alusivo ao bairro mouro de Lisboa que, apesar das proibições que visavam evitar encontros noturnos entre mouros e cristãos, existiam casos de amores furtivos, como o de uma moura forra, condenada em 1482 por dormir com um cristão e sentir afeição por ele. E embora esse homem fosse solteiro, ela foi obrigada a pagar uma multa de três mil reais.¹²

Verificamos então que, para se concretizar uma situação de interculturalidade, não basta que povos com culturas diferentes estabeleçam contacto ou partilhem o mesmo território. Essa troca cultural depende de múltiplos fatores históricos/culturais que influenciam a forma como cada sociedade interage com outras e vai definindo o seu lugar entre as restantes. Por outro lado, os aspetos interculturais não são estáticos, vão sendo influenciados pelo contexto em que se inserem e pelas ideias preconizadas sobre o assunto nas diferentes épocas.¹³

Pensemos nos portugueses que se fixaram nas antigas colónias portuguesas de África. Levaram consigo os hábitos e costumes portugueses (muitos dos quais impuseram aos locais), influenciando os povos africanos e alterando o seu modo de vida original. Essa alteração significou para os locais uma desapropriação de alguns dos seus costumes (a poligamia ou o canibalismo passaram a ser reprimidos e castigados), mas simultaneamente representou também uma sobreposição relativamente a outros aspetos, que foram adicionados à sua forma de viver (entre outras coisas, incluíram novos alimentos na sua dieta e tiveram acesso à escola). Por outro lado, os portugueses também foram influenciados pelo estilo de vida dessas populações, e quando, após a descolonização, esses portugueses ou os seus descendentes retornaram a Portugal, a cultura que traziam já não era a mesma que tinham levado, mas também não era uma cultura africana. Era uma nova cultura influenciada por ambas.¹⁴



Constatamos assim que a interculturalidade se vai construindo e desconstruindo no tempo através de uma dinâmica própria, sem nunca se repetir, porque não há circunstâncias nem culturas iguais, mesmo quando os aspetos em comum as aproximam.

Ao contrário do que sucedia no passado, hoje nas sociedades ocidentais, as leis e os conceitos defendem a igualdade e a fraternidade entre todos os homens. Esse aspeto, associado à atual facilidade de deslocação e comunicação, transformou as nossas cidades em locais cada vez mais multiculturais, mas onde nem sempre a interculturalidade está presente. Esta diversidade que nos rodeia deveria ser uma oportunidade para conhecer o outro e a sua cultura, e simbolizar o abrir de uma janela sobre o mundo desconhecido que ele representa. Porém, nem sempre as coisas se processam assim. Em muitos casos, uma deficiente integração social por parte de quem chega alia-se à desconfiança e ao receio de quem vê chegar, conduzindo a fricções étnicas e a conflitos sociais.

É ao constatar esta realidade que a etnia macaense surge como um verdadeiro exemplo de genuína interculturalidade, devido às circunstâncias particulares a partir das quais se formou.

Segundo os historiadores, esta etnia teve origem no seio de núcleos familiares constituídos por homens portugueses e mulheres asiáticas, que a partir do século XVI fixaram residência em Macau.¹⁵ Era frequente que nessas habitações trabalhassem criados e escravos de diversas origens, que em conjunto com a população local de origem chinesa, foram transformando a pequena cidade que era Macau num espaço multicultural e onde a interculturalidade fazia parte da vivência diária.¹⁶

Foi nesse ambiente que os macaenses se foram afirmando como uma etnia luso-asiática de nacionalidade portuguesa, que conservava o português como uma das línguas maternas e o catolicismo como religião. Esses aspetos faziam parte de uma cultura própria que se foi desenvolvendo, tendo por base a diversidade étnica e cultural que os rodeava.¹⁷

Foram provavelmente essas circunstâncias que lhes transmitiram uma adaptabilidade e maleabilidade inatas para interagir com outros grupos étnicos de uma forma natural e aparentemente sem qualquer esforço. Constatei esse facto quando, entre Julho de 1998 e Novembro de 1999, realizei em Macau a investigação: “*O Comportamento Cultural dos Macaenses Perante o Nascimento*“. Essa pesquisa incidiu sobre 90 mulheres macaenses aí residentes e com pelo menos um filho. Um dos objetivos do estudo consistia em saber



se era a influência portuguesa ou a chinesa que predominava nos aspetos culturais relacionados com o nascimento.¹⁸ Porém, para se compreender o significado das conclusões, é necessária uma explicação introdutória.

Antes da revolução de abril de 1974, os jovens portugueses cumpriam o serviço militar nas ex-colónias, o que incluía Macau, acabando muitos deles por casar com raparigas macaenses. Por outro lado, o facto de não haver ensino superior em Macau até à década de 80 do século XX, levava vários macaenses a ingressar nas universidades portuguesas. Muitos deles posteriormente constituíam família em Portugal, ficando aí a residir. Desta forma, apesar de Macau estar geograficamente longe da Europa, através destes casamentos, a portugalidade dos macaenses renovava-se e os laços com Portugal permaneciam fortes.¹⁹

Com a revolução, terminaram os contingentes de jovens militares em Macau, e como consequência, nos casamentos envolvendo raparigas macaenses, os noivos originários de Portugal foram sendo substituídos por noivos chineses.²⁰ A pesquisa demonstrou que as gerações mais novas de mulheres macaenses casavam cada vez mais com homens de etnia chinesa, ao contrário das suas mães e avós. Esse facto influenciou-as culturalmente no que respeita às atitudes adotadas relativamente aos períodos da concepção, gravidez, parto e período pós-parto, pois quanto mais novos são os grupos etários, maior é a influência chinesa nos gestos e atitudes adotados, diminuindo simultaneamente a influência portuguesa.²¹

Na cultura chinesa, a mulher, através do casamento, deixa a família de origem e passa a pertencer à família do marido, devendo respeitar as opiniões da sogra, sobretudo no que toca a assuntos femininos, como é o caso do nascimento. As várias fases relacionadas com este representam situações em que a medicina tradicional, a superstição ou motivos religiosos, impõem inúmeros interditos alimentares e comportamentais, que muitas mulheres chinesas seguem.

Através da investigação efetuada, concluiu-se que independentemente do grupo etário, também as macaenses casadas com chineses respeitaram essas interdições, ao contrário das macaenses casadas com os seus pares, ou com portugueses europeus.

Embora as atitudes adotadas possam sugerir uma descaraterização da cultura macaense por parte das gerações mais novas, a verdade é que elas traduzem estratégias de sobrevivência e resultam de uma adaptação dos hábitos e tradições dessas macaenses à realidade em que estão inseridas.



Essas mulheres, ao adotarem determinados comportamentos preconizados pela cultura chinesa, demonstraram uma grande plasticidade intercultural. Por um lado cederam, fazendo aquilo em que muitas vezes não acreditavam, não por subserviência, mas porque essas atitudes, sendo inofensivas para a criança, agradavam à sogra e contribuía para uma boa relação familiar. Por outro lado, foram simultaneamente capazes de assegurar para os seus filhos um aspeto da sua própria cultura que consideravam muito importante: o batismo e a integração destes na religião católica.²² A problemática que rodeia esta situação baseia-se no facto das famílias chinesas praticarem culto aos seus antepassados, para que estes em troca os protejam.²³ Esta é uma prática pagã e por esse motivo não é realizada por uma criança batizada e inserida no catolicismo.

Este aspeto foi contornado habilmente pelas macaenses e podemos questionar-nos de que forma o conseguiram. Segundo elas, através de uma espécie de acordo pré-nupcial nos casos em que o noivo não professava o catolicismo. Nessa situação, o casamento foi aceite por elas, com a condição de que os filhos se batizassem e recebessem uma educação religiosa católica, o que sucedeu em praticamente 100% dos casos.

Conclui-se assim, que por razões políticas/sociais, são cada vez mais as macaenses que em Macau casam com homens de etnia chinesa. Estas mulheres, para manter um bom ambiente familiar, adotam, relativamente ao nascimento, práticas culturais chinesas. No entanto, essa atitude, ao invés de revelar abandono da sua própria cultura, faz sobressair o aspeto que, para as macaenses, é o mais importante da sua cultura e as distingue: o batismo e a prática religiosa católica que elas, através de um inteligente jogo intercultural, legam aos seus filhos.

A constatação de que a natureza intercultural dos macaenses torna fáceis as suas relações com povos culturalmente diferentes, foi novamente confirmada em 2009, quando realizei em Portugal a investigação intitulada: “*A comunidade macaense em Portugal; alguns aspectos do seu comportamento cultural*”. Esta pesquisa incidiu sobre um universo de 50 macaenses naturais de Macau, com residência em Portugal e vivendo aí pelo menos 6 meses por ano. Os objetivos formulados consistiam em saber quais as influências orientais que esses macaenses mantêm, o que conservam da sua cultura e o que dela transmitem aos seus filhos.²⁴

Os resultados dessa investigação revelaram uma comunidade onde os grupos etários são superiores a 40 anos²⁵, composta por macaenses que em muitos casos ficaram a residir em Portugal após terem terminado os estudos em universidades portuguesas. O



facto de não se encontrarem atualmente a residir em Portugal macaenses naturais de Macau com idade inferior, remete-nos para o aumento do número de casamentos entre macaenses e chineses após a revolução de 25 de abril. Estes últimos preferem que os seus filhos frequentem escolas inglesas ou chinesas, sendo esta uma tendência que se acentuou, com a passagem da administração de Macau para a Republica Popular da China.

Portugal deixou assim de ser, para a comunidade macaense, um destino preferencial, quer para a fixação de residência, quer para efeitos de escolaridade.

Relativamente aos macaenses alvo da pesquisa, verifica-se que na sua maioria estão inseridos pelo casamento em famílias portuguesas e gostam de viver em Portugal. Referem sentir-se integrados e adaptados à forma de viver portuguesa, tendo adotado muitas das suas práticas.

No entanto, mesmo quando radicados em Portugal há várias décadas, a influência oriental está igualmente presente, revelando-se sobretudo na intimidade das suas casas, através do mobiliário e objetos decorativos, das práticas alimentares, dos remédios caseiros utilizados, ou na forma de ocupação dos tempos livres. Consta-se também que apesar da sua ligação a Portugal, os macaenses mantêm simultaneamente um forte vínculo a Macau e a outros macaenses, com os quais gostam de partilhar uma linguagem própria e memórias comuns. Por outro lado, todos eles procuram transmitir aos seus filhos o que consideram de mais significativo na sua cultura, o que é conseguido em praticamente 100% dos casos.²⁶

É o equilíbrio e a harmonia conseguidos nesta conjugação cultural, que quase a fazem passar despercebida a um olhar menos atento. Talvez o segredo da verdadeira interculturalidade seja essa simbiose entre a nossa cultura e a de todos os outros com quem nos relacionamos ao longo da vida.

Nas sociedades multiculturais de hoje, onde por vezes os conflitos interétnicos se sobrepõem à tolerância e compreensão, é importante relembrar o que a história nos mostra: que no percurso da humanidade, a par com o domínio de alguns povos sobre outros, existiu também desde sempre, o diálogo intercultural.

Com o objetivo de quebrar barreiras e contribuir para uma sociedade mais igualitária, alguns países têm desenvolvido programas direcionados sobretudo aos jovens, promovendo a aproximação entre grupos de várias origens, ajudando-os a ultrapassar preconceitos e a descobrir que o conceito de “nós”, é mais importante que o “eu” e o “tu”.²⁷



Neste âmbito, é interessante analisar o percurso dos macaenses, que de uma forma tão espontânea e natural encontram o seu lugar entre os outros povos, revelando-se verdadeiros embaixadores da interculturalidade nos gestos e atitudes diárias. São o exemplo de uma etnia, que tendo por base o plano mutável da diversidade cultural, soube fazer dela uma mais-valia, construir pontes de união entre as diferenças e transformá-las em riqueza cultural.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Adalberto - *Em Busca da Lisboa Árabe*. Edição do Clube do Coleccionador dos Correios/CTT Correios de Portugal, 2007, 214 p. + 1, ISBN 978-972-8968-04-5 .

AMARO, Ana Maria, - *Filhos da Terra*, Instituto Cultural de Macau, 1988, 124 p.

CABRAL, João de Pina; **LOURENÇO**, Nelson - *Em Terra de Tufões Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, Instituto Cultural de Macau, 1993, 259 p.

HENRIQUE, Isabel Castro - *A Herança Africana em Portugal*. Edição do Clube do Coleccionador dos Correios/CTT Correios de Portugal, 2009, 238 p. + 1, ISBN 978-972-8968-18-2 .

PINTO, Isabel Maria Rijo Correia – *O Comportamento Cultural dos Macaenses, Perante o Nascimento*. Livros do Oriente, 1.ª Edição, Macau, 2001, 191 p. , ISBN 99937-603-1-5

PINTO, Isabel Maria Rijo Correia – *A Comunidade Macaense em Portugal. Alguns aspectos do seu comportamento*. Instituto Cultural do Governo da R. A. E. de Macau/ Editora Almedina, 2011, 316 p. ISBN 978-99937-0-129-3.

PIRES, António Pedro - *O Culto dos antepassados em Macau*, Edições Afrontamento, 1999, 238 p. ISBN 972-36-0495-7.

TEIXEIRA, Manuel (Monsenhor) - *Os Macaenses*, Revista de Cultura, Instituto Cultural de Macau, n.º 20, II série, Julho/Setembro, 1994, pp. 61-96.

FONTES DIGITAIS

Aborígene australiano - http://pt.wiki.org/wiki/Abor%C3%94gene_australiano (03-11-2011)

ADLER, Peter - *Beyond Cultural Identity: Reflections on Multiculturalism* - <http://www.mediate.com/articles/adleer3.cfm> (03/11/2011)

Arqueologia pré-histórica - http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia_pr%C3%A9-hist%C3%B3rica (23/10/2011)

Arquivos do Insólito: Ufologia, Criptozoologia, Fenómenos Anómalos - <http://arquivosdoinsolito.blogspot.pt/2008/08/as-polmicas-mmias-de-xinjiang.html> (19/11/2012)



"Crossing Borders" documentary film -

<http://www.merrimack.edu/academics/internationalprograms/StudyAbr> (24/11/2011)

Ferdinand von Richthofen - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_von_Richthofen
(27/07/2011)

Genocídio - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio> (06/11/2011)

História da escravidão - http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_escravid%C3%A3o
(03/11/2011)

Loulan Kingdom - http://en.wikipedia.org/wiki/Loulan_Kingdom (23/10/2011)

PASSETTI, Gabriel - *Aborígenes e Estado Australiano, sangue, civilização, segregação racial e ...coelhos* - <http://www.klepsidra.net/klepsidra18/geracao.htm> (03/11/2011)

Rotas Europeias de Comércio de Escravos - <http://confrontos.no.sapo.pt/page7a.html> (03-11-2011)

Rota da Seda - http://pt.wikipedia.org/wiki/Rota_da_Seda (27/07/2011)

NOTAS

¹ Rota da Seda - http://pt.wikipedia.org/wiki/Rota_da_Seda

² Ferdinand von Richthofen - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_von_Richthofen

³ Rota da Seda - http://pt.wikipedia.org/wiki/Rota_da_Seda

⁴ Loulan Kingdom - http://en.wikipedia.org/wiki/Loulan_Kingdom

⁵ Arquivos do Insólito: Ufologia, Criptozoologia, Fenómenos Anómalos -

<http://arquivosdoinsolito.blogspot.pt/2008/08/as-polmicas-mmias-de-xinjiang.html>

⁶ Arqueologia pré-histórica - http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia_pr%C3%A9-hist%C3%B3rica

⁷ História da escravidão - http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_escravid%C3%A3o

⁸ Rotas Europeias de Comércio de Escravos - <http://confrontos.no.sapo.pt/page7a.html>

⁹ Genocídio - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Genoc%C3%ADdio>

¹⁰ Aborígene australiano - http://pt.wiki.org/wiki/Abor%C3%ADgene_australiano

¹¹ **PASSETTI**, Gabriel, *Aborígenes e Estado Australiano, sangue, civilização, segregação racial e ...coelhos* - <http://www.klepsidra.net/klepsidra18/geracao.htm>

¹² **ALVES**, Adalberto - *Em Busca da Lisboa Árabe*, p. 135

¹³ **ADLER**, Peter, *Beyond Cultural Identity: Reflections on Multiculturalism* -

<http://www.mediate.com/articles/adleer3.cfm>

¹⁴ **HENRIQUE**, Isabel Castro, *A Herança Africana em Portugal*, pp. 225 a 227

¹⁵ **AMARO**, Ana Maria, *Filhos da Terra*, pp.4 e 5

¹⁶ **TEIXEIRA**, Manuel (Monsenhor), *Os Macaenses*, p.76

¹⁷ **CABRAL**, João de Pina; **LOURENÇO**, Nelson, *Em Terra de Tufões Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, pp. 21 a 23

¹⁸ **PINTO**, Isabel Maria Rijo Correia – *O Comportamento Cultural dos Macaenses, Perante o Nascimento*, pp.12 e 13

¹⁹ **PINTO**, Isabel Maria Rijo Correia – *A Comunidade Macaense em Portugal. Alguns aspectos do seu comportamento*, pp.181 e 182

²⁰ **CABRAL**, João de Pina; **LOURENÇO**, Nelson, *Em Terra de Tufões Dinâmicas da Etnicidade Macaense*, pp. 121 a 151.

²¹ **PINTO**, Isabel M. R. C., *O Comportamento Cultural dos Macaenses, Perante o Nascimento*, pp. 171 a 176.

²² Pinto, Isabel M. R. C., *O Comportamento Cultural dos Macaenses, Perante o Nascimento*, p. 167.

²³ **PIRES**, António Pedro, *O Culto dos antepassados em Macau*, pp. 30 a 32



²⁴ PINTO, Isabel M. R. C., *A Comunidade Macaense em Portugal. Alguns aspectos do seu comportamento*, p.17.

²⁵ PINTO, Isabel M. R. C., *A Comunidade Macaense em Portugal. Alguns aspectos do seu comportamento*, p.182.

²⁶ PINTO, Isabel M. R. C., *A Comunidade Macaense em Portugal. Alguns aspectos do seu comportamento*, p.265 a 269.

²⁷ "Crossing Borders" documentary film -

<http://www.merrimack.edu/acdemics/internationalprograms/StudyAbr>